

Sephi Alter

# Solstício

o arquivo de  
Renato Suttana

[http://www.arquivors.com/sephi\\_solsticio.pdf](http://www.arquivors.com/sephi_solsticio.pdf)

2006

## **Antes**

Paixão ou doença ou o quê? Isto de não viver se não for entre fileiras de livros. Estilo ai de vida ou de morte a riscar dentro do corpo colhido verde no cesto dia, fruta na estufa, strange stuff este, das inclinações, do querer morrer das obsessões poemas assim, ela veio, lenta consumpção, em forma de letra pássaro

O rouxinol apareceu primeiro em França. Um desejo de altura, um querer absurdo contrário à vontade urgente de ficar aqui rente às coisas. Voar alto e surdo sim mas por ouvir em demasia, absurdo por isso. Vento de Chopin, prazer de cair para cima ouvir em demasia e escuro ainda sem ter lido Keats, enamorado ainda sem saber de quem

Darkling I listen mas sem saber, sem ter lido, a ouvir em demasia só surdo por isso and many a time ainda néscio I have been half in love with easeful death mesmo ela mesma e não outra a cavar poços com a lua encantada lá dentro do pulmão esquerdo pois só o esquerdo só. Ai do lusíada dasilua coitado e o universo a dar o disco pedido

A aparição do rouxinol de letras conta-se em plena prosa. Por exemplo, um cavaleiro de escudo partido entra no centro comercial art de vivre, deixa-se levar pelo destino até à livraria até à secção dos dicionários onde pára frente aos castelhanos. Atraído por algum esquecimento, estende a mão para Le Judeo-espagnol e sem saber agarra outro

Outro livro. Idiomas. O cavaleiro néscio de judeus perdidos no azar do gesto que trás outro sem querer e ainda sem dar por isso agora já sem escudo nenhum abre ao acaso e lê pousado na página esquerda em cima um rossignol leve como love, that is not what it is e depois vertido de francês na língua de Castela por ali abaixo até ao rio

Explicação do dicionário. Idioma vendre un rossignol quer dizer impossível. Não se pode vender o impossível de vender, rouxinol é um livro na prateleira mais alta, em demasia, perda pura, canto para nada que por nada se troca que ninguém ouve além da noite. Ave sem corpo quase só som a acabar a cair. Eu?

Pulmão sem escudo a sair do mercado a ouvir o impossível dentro de tantos livros, best-sellers alguns com o invendável canto lá dentro, tantas línguas outras, a cair com a noite na lenta consumpção em forma de não saber o pronome da letra pássaro, a cair sem saber até à noite das noites, ao lado esquerdo das estações, no Inverno sem rouxinóis.

Ó vós  
foi-se-me a memória  
deitada ao rio  
*Que amor obriga*  
só por isso me dizem olá moisés  
uma lembrança deitada às águas  
*a ser sujeitos*  
do esquecimento profundo mas mowgli  
a rã talvez soasse melhor  
*a diversas vontades*  
um girino amnésico eu sou a memória  
que perdi  
*quando lerdas*  
no rio letes ou tejo d'ouro  
mondego ou guadiana  
*em breve livro*  
e pasmo que águas tão escuras se  
deixem ler assim  
*casos tam diversos*  
como se para sempre a imagem do abandono  
voltasse em cada onda  
*verdades puras são e não*  
numa espécie de surf homeopático  
*defeitos*  
sobre ironia fluindo  
então leva o povo ao deserto, vai lá  
*e sabe que segundo o*  
discutir com os faraós, esfola o tigre  
*amor*  
assim tresleio as águas e os tempos  
*tiverdes*  
é que agora os faraós têm precisamente  
o meu nome moisés mowgli  
*tereis o entendimento*  
e agora ó voz  
*de meus versos*  
ensina-me a despir a pele do tigre ou  
abandona-me de novo mais fundo

caí  
a jusante e  
ainda  
parece que as águas da fonte  
lá em cima dão por isso  
ouvem o mar ao fundo  
e seguem caindo

nunca saibas  
(canta o rouxinol)  
o abismo sem tempo entre ramo e rio  
jamais pudeste tocar as penas que se dissolvem

e o canto não pára não pára  
de enlouquecer  
escreve

## **Solstício**

Será possível ficar ligado a uma tarde chuvosa, viciado numa data, obrigado a frequentar um tempo espaçado até às próprias cores e cheiros, para já não falar dos sons que se perdiam e do cansaço que numa espécie de milagre se reconfortava. Ali abria-se o mar vermelho de gente e passava-se a vau. Metáfora não era ainda uma figura de estilo, era eu. Ou então eu era uma figura desfigurando-se, transfigurando-se sem poder parar. Havia uma cara, havia caras aliás e não seguras. Caras, boas ou más caras a esconder os corações. Ó cara linda que não deixas ver o coração, como eu te amo. Como me separo aqui dos mestres da fábula ávidos de te ver o por dentro, o segredo, a víscera da galinha dos ovos de ouro. Esconde, nunca mostres o teu coração, nem venhas terrível com ele nas mãos, monstro ensanguentado nas mãos. Deixa a cara acontecer se for o caso, de resto...

Havia –

Ali naquela mesa na data no sítio sento-me a lançar de novo os dados, as figuras e as pintas que só ali já não são e, parece, continuarão sempre rolando.

Recanto doravante na memória que me arrisco a celebrar como uma droga, presente envenenado, salvação.

Quem abre as portas do tempo? Eu, a metáfora sem travões? Lembro o dia ou lembra-me o dia? O dia lembra-se de me chamar ou sou eu a figura triste de estilo que me dirijo para lá como para comprar cigarros a horas mortas seja de que marca for mas que se fume que se esqueça...

Há um livro pousado no ponto morto da história.  
Parece um pássaro espantadiço mas  
deixa-se folhear pelas mãos a arder baixinho.  
Na capa, um filósofo, lá dentro um rouxinol.  
Isto é mentira. O rouxinol, sou eu que o meto  
lá dentro só hoje, a contratempo, na tentação do  
luto, com a tentação de esquecer o luto, Filomela,  
Bernardim, meus pobres livros, oh my ducats  
oh my daughter, invendáveis, Ofélia, Santa Iria,  
Dinamene, Rodrigues Lobo, Paul Celan, Maumarié,  
terríveis afogados rouxinóis, dinossauros, mortos vivos  
a cantar pelados no esquecimento com as  
penas a doer, secas já.

Rouxinóis não havia no dia  
cantado. Fraco dia, forte dia  
não sei, mas livre, mais do que esse  
muito que a palavra absoluto gostaria de querer dizer  
quando diz o pouco que diz. Dia descansado,  
impassível às penas, angústias literárias,  
tentativas para adoecê-lo, passaranoias roxas.  
A tarde vinha por dentro só.

O amigo acenava por detrás das grades.  
Mandava-lhe notícias com uma lima dentro.

O inimigo chamava por entre as quadrículas.  
Mandava-lhe uma lâmina de barbear poesias.

Na capa do livro, Heidegger parece, ele  
sim, o pássaro. Tem as asas cortadas e  
sonhos de tigre. Pássaro tigre quase pouco  
arrepentido de ter cantado a matança.  
Para poetas e pássaros o canto substitui  
a matança. Cantamos por entre ramos  
lutamos em beleza pelo espaço e pelo  
sexo enquanto a matança vai crescendo  
no espírito, nascendo do espírito, encarnando  
do espírito embalada nas mais belas  
e mais altas árvores do bosque nas  
mais sublimes harmonias e nasce no corpo a  
matança e cresce na música do  
espírito do alto dos ramos até ser  
a matança propriamente dita e estar aqui  
ao pé da gente a cantar e nós os pássaros  
quase pouco arrependidos só queríamos continuar  
a sonhar com as notas perdidas  
na clareira onde a matança se  
resolve e há sangue no amarelo dos sorrisos.

Talvez se dessem razões para a doçura daquela tarde. Coisas contáveis até certo ponto. Só, já se sabe. Além do ponto de saber morrer a razão pára ou talvez seja aquém que pára ou então já parou no antes ou no depois da morte, livre razão de parar à beira do abismo ou de não parar e dar o passo todo em sonho de mestria. Ela pode. E por aí perder a morte. E pode calar-se. Caluda. Uma boa razão há-de ser caluda. O tempo convidava então, e sabia bem parar à beira das paisagens filosóficas. Pudéssemos agora imitar o outrora. Deixar a diferença dolorosa de matar e morrer do outro lado.

Solstício, ensina-me a respeitar o segredo e era ali mesmo, hoje, já longe da tarde, que a razão queria entrar na lâmina animal, a violência... A noite a inchar, a traição dos amigos desaguava na luz de mil regressos.

Talvez se dessem razões para a doçura. Como se o regresso do sol deixasse sentir a fonte. Sentir aqui nos ouvidos, na carne, nas mãos, sobretudo na palma, na cova, como que a cabeça recém nascida do tempo a dar-se de novo. E o espanto de ela não ter aquela forma macacal dos nossos crânios ensanguentados. Antes uma língua, a cabeça nova do tempo, quente, mas q.b., agradável ao toque.



Uma lista de amigos. Inscritos que, fora do mar das paixões e do sangue, serão os únicos que me podem e a quem eu posso trair. Um Dois Três Quatro Cinco Seis Sete Fim. Não acrescentaria mais uma cifra só que fosse, sem cruzar a fronteira de amizade que o segredo destes nomes desenha. Amizade não sentida por mais ou menos afecto mas só pela traição, pelo horizonte possível do impossível. Surpreende-me o serem apenas sete. Já sabia, adivinhava, contá-los pelos dedos mas estava à espera que fossem mais, que fossem dez. Um amigo para cada dedo ter-me-ia sossegado. Assim, sete, não há sossego. Nem sete anões nem sete estrelas me prometem a paz. E dos sete dias da criação, da sete-mana, o sábado, sadabado, stop, sapato, obrigação demasiado inquietante, o cabo dos trabalhos. Sete amigos ora mortos ora feridos, escreveram ou vão escrevendo. Mas que raio de lista é esta? Será possível atenuar o ridículo de exhibir amigos contados? Eu tenho sete amigos. Como é que isto vai soar aos ouvidos dos excluídos? E aos dos incluídos que a partir de amanhã me podem ler o caderno, que têm acesso ao por cima do meu ombro, o Sete, por exemplo, ou o Seis ou o Cinco. Só se ler for sempre ler por cima de um ombro. E de facto, ao Dois, ao Três é assim que os leio. Será isto a amizade? O dar-se um ombro, um apoio feito de sombra, um miradoiro sem balaustrada sobre as devastações da luz, os escombros? A leitura seria então um caminho para a amizade até ao alto de um ombro. Antes disso, ficaria aquém de si mesma, aquém da amizade e da traição. Mas bolas são tantos os ausentes nesta lista gravada com o gesto de lançar as sortes. Porque é que o Oito, por exemplo, não veio à baila, ele que é sem dúvida a maior paixão, o poeta dos poetas, a lucidez das lucidezas, a liberdade da liberdade? Será que o amor assim superlativo não chega à amizade nem à leitura? Talvez que eu ainda não leia o Oito, que a minha língua dele ainda não lhe chegue ao ombro. Ou talvez já se deva falar, neste caso, de traição.

Escrita. Da música, das palavras,  
dos gestos e sabe-se lá de que águas mais.  
Alef-bet, visível ou não  
visível, palpável ou fora de alcance, lá vai...  
a afagar, a arranhar se houver corpo, se ouvir  
proclamação, leitura, deitada ao pó, ao  
pó do pó, às cinzas da cinza, até às areias da areia,  
o som do som, o ser do ser

Mozart. O rádio escreve-me no ar e durante alguns minutos sou a sinfonia número quarenta em sol menor, sou-o de um modo e num mundo onde morrer não custa, apesar da tristeza que não se esvai de todo, vai sendo cada vez mais leve larará larará larará laa enquanto belo e perigo aumentam. Chega o momento da durchführung [aqui deve um compositor mostrar o que vale, realizar, executar, pôr em prática, dirigir o rebanho dos sons]. Reina aquela enorme beleza, intensificando-se, prometendo glórias terminais, graças, mercês, de um Mozart führer, mais três compassos destes e seria o fim da macacada. As células rebentariam, incapazes de suportar a temperatura. Mozart, é claro, pára, como sempre, antes da catástrofe. Abdica, desacelera muda de rumo, desvia-se do sol, e eu sinfonia chego vivo aos acordes finais.

Mas aqui em Lisboa estou em França.  
Não há nada a fazer.  
É assim, uma condição, a França.  
O acesso à língua portuguesa tem de passar, é a vida,  
pela França. Pobre língua  
indefesa, que logo abdicas dos teus idiomas  
para te afrancesares em todos os contactos  
com o lá fora *[na tradução para português os textos galicizam-se sempre, o que não deixa  
de ser misterioso quando o original é inglês ou alemão]*.  
Para já é assim. Para haver texto em português indígena  
há que contar com a França.  
É pois de lá que finjo dar notícias, em luta  
perdida pelo idioma. Como se só se pudesse alcançar  
um português daqui levando o corpo até aos confins do  
exílio. À França eu estudo eu amo eu cultivo e hei-de  
trazê-la para cá transfigurada, raptada,  
dando um novo sopro a estas palavras portuguesas  
em vez de inadvertidamente continuar a balbuciá-las  
numa língua sem lugar.

Esta voz de solstício, sem porquê,  
é de lá que soa.  
O, por assim dizer, milagre da restauração era  
ali, literalmente, naquele restaurante da  
rue de l'ouest. Ufa! O fio não quebrou.  
O carrossel continua. O Planeta alonga-se  
a girar preso à órbita e o pensamento  
livre de sair pela tangente.

Começa o Inverno. A noite é a mais  
noite de todas as noites e vem  
de ombros escuros

por sobre as encostas leio  
cartas que devo escrever

Caro inimigo meu, poeta, homem de coroa de ilha na cabeça,  
penso em ti muitas vezes, chamo-te deus, chamo-te nomes e  
depois corrijo para amigo, caro assassino, político meu.  
Recordarei sempre o fogo nas tuas mãos nos teus olhos e no  
som dos dizeres sem língua à saída da boca naquela hora que dói,  
penso no dia em que vinhas queimar papéis impuros, queimar a  
história insuportável daquela casa, a tal casa, a certa, a ruinosa  
grande casa, de Heidegger, clareira aberta a golpes de machado,  
queimar «de quantas árvores abatidas se faz a casa do ser»?  
Vinhas do alto. E ao que parece eu estava protegido contra alturas.  
Impuros, os papéis sempre eram guardas chuva de anjos. Tiveras  
vindo na face e já só seria cinzas.

Além do apoio, sobre os ombros da noite, a vista dava para o incêndio,  
dava a distância, a devastação, as colunas de versos tombadas, erguidas,  
tombadas, erguidas, tombadamente erguidas

Como é possível estar em  
paz nesta mesa do canto.  
Restaurante de especialidades  
orientais na rue de l'ouest.  
Comida má, sem sabor. Chá  
de jasmim doloroso na boca  
até aos dentes e contudo antes  
aqui do que ali, aqui descansarei  
numa almofada macia de  
contradições. O ocidente da rua, o oriente da casa. Lá fora a chuva, cá dentro  
a linguagem, conversa que não sei como é que sei não ser chinês. Porque a música  
também sabe dizer não? Como é que isto chega para me descansar? Como é que se  
ressuscita a partir das sem razões doces que me acolhem agora? Vai passar... penso que  
vai passar como a chuva.

Camões. A sombra reflectida na vitrina  
ameaça o sossego do tempo instalado. Um  
limite quebrando-se, uma tormenta a dar-se  
cabo seria inadmissível na sala. Ombro, não venhas  
agora com o teu rosto de Adamastor, de terra, de  
solidão, de vontade infinita sem nenhum poder  
além de ser o fim. Vem, se te agrada, tomar rapé.  
Senta-te aí como no quadro do Chagall ou no  
retrato de Goa. Olha, revela-me o segredo. Como é  
que ele conseguiu pintar-te o retrato antes de ter nascido?

Ao fundo da pitada, o artista pôs uma estrela  
com uma palavra dentro מות  
antes das vogais, sem  
pronúncia, quase som,  
água, onda, costa, onda  
na praia rebentando,  
algo chegando ao fim  
quer dizer  
morrer e o sentido cala  
o  
sentido...

Ainda sem coragem de abrir donner la mort de Jacques Derrida, rouxinol pousado no alto da estante,  
encosto-me aos lusíadas e de repente brilham os famosos dentes  
«Que uns aos outros se dão aa morte dura»  
Dar à morte, dar a morte, ó distância desmedida que aproxima duas línguas,  
abririas as asas do livro na diferença de dar entre à e a?  
Por ali passou o longe de ser mestre, o que já não queria ser senhor de nada ou talvez só deste nome  
ou talvez não.

Sigo atrás de Jacob  
confiança sem voz  
deserto a acabar num poço  
mar a acabar a coxear num barco  
sem vacilar vacilando.

Quem dá o quê a quem? Quem tem a morte para dar, q vem?

Dádivas correntes: eu dou-te a pobreza, dou-te espaço no bolso, dou-te um pêsego nos queixos.  
Ela dá-se assim, a língua, na verdade.

E dá-se este tecido comentário de angústia  
ao livro pousado, rouxinol, por abrir.  
Nunca li o livro. Parado à porta, o dedo,  
o medo vai na direção da porta, a mão quase toca na porta,  
a ruína da casa começa ali na porta.

Poemas há que soam a rios de sangue  
jorrando de pulsos cortados.  
Parece que dizem a vida toda enquanto  
se vão matando e os braços de gestos  
declamatórios cada vez menos amplos  
caindo até à paz.

Eu desvio o olhar.  
Terá a ver com o nervo vago, disseram-me,  
isto de perder os sentidos à vista do sangue.  
Nem tento pensar a ferida, forte como a vida,  
recuso o dom, empréstimo ou transfusão que seja  
de tanto sangue recuso ficar a dever.

Deito os olhos fora do poema,  
deito fora e reparo nas datas,  
assombrado por serem todos do século vinte  
estes auto-, enormes poemas, imensos poemas,  
belíssimos, dos melhores, dos maiores poetas  
do século vinte.

«Queria estar longe da beleza do século vinte»  
disse o patinho feio. E entrou no Inverno.

## **Depois**

Há um livro... o Carlos Queirós diz que ele é singular e eu queria sabê-lo de cor, ao livro jamais encontrado mas que, de certeza, há, algures em alguma estante, ou já deitado ao lixo, o livro bálsamo que prestes, quem sabe, a ser incinerado nos salvaria de todos os apertos; um livro escrito que me salvasse da escrita e me desse o sono agora.

Só meio acredito no poema, só meio acredito no livro que há-de haver e há-de vir a ser o último. O último livro. É a esse que a insónia busca para perder nele os dons, os tons do apocalipse mais que prematuros.

O mundo acaba quando não se dorme; é como se já fosse o fim e a ressurreição um castigo pela noite fora.

A linguagem chama. A velha chama, António. E chama docemente. Queima como quem ama. Tu lá foste, ainda sem cura, atrás dela escrevendo, só. Eu vi no espelho da casa de banho uma caveira parecida com as dos outros e pedi socorro. A turba acudiu. Veio sobre os pulmões com mocas e varapaus e dentes e bateu e roeu a vida ao bacilo de Koch que já recua e levam-me até aquela infância que tu julgaste perdida e que afinal, eis aqui, é só uma questão de antibióticos, António, de arte, de guerra contra a vida alheia em prol da vida própria. É terrível, é horrivelmente injusto este sempre ter de lutar; apetecia desistir, fazer objecção de consciência, largar este tempo, António, e ir ter com ela. Mas a velha mente sobre o tempo, aproveita-se, abusa da nossa ignorância de nomes e pronomes. Porque estes eus, tus, eles, nós, vós que nos dizemos e chamamos, sobretudo os eus, acontecimentos que nos ultrapassam, talvez sejam bacilos e vírus e serpentes e inimigos iguaizinhos a nós com os gestos mortíferos tirados a papel químico. Eu bacilo de Koch. Tuberculose hara kiri na vertente ocidental, um suicídio uma vitória sem interesse para quem gostaria tanto de abandonar a luta.

Vieram com o tempo, os antibióticos e dão-me de volta a infância; entregam ao futuro um menino que vai adormecer sem escrita, António, mas quereria acordar com ela, a cotovia, com a escrita, a cotovia que fale, despertador rápido, antes do seio de deus que é donde ele veio.



Às vezes, muitas, demasiadas vezes, o alfabeto cai como um raio sobre a cabeça do homem. Olho em volta, pelo prédio, pela rua, pelo bairro e pelo passado fora e reparo que, de facto, é o homem e não a mulher que mais vezes leva com o abc na cabeça, os médicos escrevem avc mas a dona maria não se deixa enganar e pronuncia distintamente abc com a voz triste já sem luto, O manel teve outro abc, É o diabo dona maria, é o diabo, diz a vizinha. E sobre marias, maneis e vizinhos paira aquele alívio dos começos, da chegada dos messias, o fim da espera, até que enfim vai começar a doença, o filme, a missa. O mundo vai mudar.

O abc, o alfabeto, vem direito à cabeça, o homem perde os sentidos e se não houver maior desgraça, ressuscita em afasia algum tempo depois. Mudo, de novo no início, infante, indefeso, salvo, renascido, agora já sem alegria. Mas que raio de salvação é esta? É o diabo, dona maria, é o diabo.

*Ensina-me a despir a pele do tigre  
Ou abandona-me de novo mais fundo*

Afinal não era bem isso talvez estivesse ou fosses a pele do tigre e tirá-la o próprio abandono a prece pede e não sabe o que pede nem sequer sabe pedir e tem uma esperança surda uma esperança absurda de não ser atendida a prece não sabe bem que não quer ser atendida algo vem não se sabe bem o quê e era o que se tinha pedido sem saber e é terrível quando chega mesmo e dói para quê? Para que se saiba que se estava mesmo a pedi-las? Tento na língua quem mo dá? se ela corta deverei calar-me? Peço então um cabo para o corpo da prece uma ponta em que se lhe pegue e não isto em que não sei o que peço não sei de que se trata na pele do tigre o que é que vem a ser isso de pele do tigre tigre a arder brilhante nas florestas da noite e peço que não me abandones mesmo que eu o peça mesmo que eu não saiba o que peço e esteja mesmo a pedi-las sem saber e se às vezes amo a solidão é não sei porquê mas não me abandones agora